

(DES)CONSTRUINDO IDENTIDADES: A VALORIZAÇÃO E COMPREENSÃO DA HISTÓRIA LOCAL COMO PERSPECTIVA PARA O LIVRO DIDÁTICO

Joana Paula Silva Sousa¹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma breve reflexão sobre a valorização da história local como perspectiva para o livro didático para a (des)construção de identidades dos discentes. Nesse contexto perceber essa valorização da história local como ponto de partida. Para tanto, tem-se como critérios norteadores os Parâmetros Curriculares Nacionais e de autores que abordam sobre a importância da história oral, memória, identidades e ensino para entender a história local, Alberti (2008), Burk (2000), Certeau (2010), Hall (2006), a fim de refletirmos sobre o ensino de História local em sala de aula, valorizando, assim, o cotidiano dos alunos. Neste intuito o trabalho propõe uma reflexão sobre a história local como suporte na (des)construção das identidades dos alunos. Buscando conhecer e compreender nesse processo a história do lugar o qual se vive a partir dessas reflexões. Percebendo que tais questões nos faz refletir quanto à formação de um indivíduo que está sempre em um processo contínuo de transformações e não algo acabado e imutável.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Ensino.

Introdução

O diálogo entre ensino de História e a valorização da cultura popular local se torna cada vez mais presente nas discussões em sala de aula tendo como caminho norteador o uso da história oral, que seu contexto se torna de grande relevância discutir nesse trabalho por ser um desafio social, histórico e cultural dos indivíduos e o lugar a que se pertence.

Nesse cenário apresentaremos uma breve reflexão sobre a valorização da história local como perspectiva para o livro didático no intuito de possibilitar a (des)construção das identidades dos discentes a partir da valorização do lugar que habitam.

Tais questões nos faz refletir quanto à formação de um indivíduo que está sempre em um processo contínuo de transformações e não algo acabado e imutável, pois estamos nos referindo aos discentes de uma geração que estão aí ligadas em redes sociais e que não permitem apenas ser chamados à atenção, os mesmo tem

¹Mestranda do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/ UECE, E-mail: joanapaula4@hotmail.com.

que ser inseridos e questionados a respeito do que se aborda e poderá ser discutido em sala de aula.

Nesse contexto perceber a valorização da história local como ponto de partida para esse diálogo na escola e no âmbito social, pois a escola é um lugar de reflexão e dos atos que nos identificam no início de nossas ações acadêmicas que passamos a desenvolver socialmente. As reflexões aqui apresentadas partem de minha visão enquanto pesquisadora e professora no ensino fundamental e médio.

Meu principal objetivo é apresentar uma breve reflexão sobre a ausência ou não discussão da história local no livro didático para compreensão do processo de formação do lugar que se pretende descrever em sala de aula, como elo a manifestação social, histórica e cultural desde os motivos de sua formação, tendo nas ações culturais, folclóricas e sociais um estudo para se discutir desde sua chegada e permanência no contexto sócio-histórico do lugar.

E assim, possa entender as memórias e narrativas dos indivíduos do lugar no universo de ensino e aprendizagem do objeto estudado a partir do cenário cultural de algumas das pequenas regiões do Brasil.

Nessa perspectiva abordar temas que contribui na formação dos discentes aponta e estabelece à possibilidade de estudos voltados a valorização do lugar a que se pertence permitindo o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem. Dado que, os estudos sobre novas abordagens e análises que envolvem o ensino de História tornam-se cada vez mais frequente sua discussão, percebendo que:

Essa perspectiva de ensinar História não é mais a mesma. Os objetivos, as finalidades educativas, os currículos prescritos, os livros e materiais didáticos e a formação do professor se modificaram. Estamos vivenciando, desde as últimas décadas do século XX, um movimento de repensar a história, as metodologias e as práticas de ensino. Entretanto, quando se trata das questões relativas à história local, regional e as relações com o global, muitas dificuldades, dúvidas e problemas permanecem. (GUIMARÃES, 2006, p. 236)

Assim, o estudo da cultura popular local fomenta trabalhar com a história local, e nesse intuito, utilizar como suporte metodológico da pesquisa e discussão, a história oral para buscar valorizar a memória, abordando seu conceito em diferentes sentidos, de forma a apontar direções que se leve a questionar os motivos

de lembrar e nessa perspectiva segundo Guimarães (2006), “entender as dificuldades do ensino de história local”.

Esta é uma problemática que abrange importantes questionamentos e abordagens quanto a sua discussão para o ensino e aprendizagem. Deste modo trazemos autores que discutem os seguintes aspectos: a memória, a identidade, a cultura e a história oral.

A memória e sua influência no processo da pesquisa oral

Mais do que um simples objeto da história a memória completa e transforma-se em um meio de reconhecimento e (des)construção do conhecimento e de representações de um passado que no contexto histórico-social não foi questionado e sim silenciado. Uma vez que a forma como o indivíduo percebe a si mesmo, o outro e o mundo em que está inserido torna-se uma constante (des)construção.

Estas transformações demonstram que neste processo a memória pode ser coletiva gerada por interesses econômicos, políticos, religiosos e culturais, quanto individuais, tendo em comum os sentimentos que envolvem cada indivíduo e nesse meio promove o entendimento desses sujeitos históricos. Sendo assim, o estudo histórico exerce nesse processo importante papel em que contempla nossas reflexões para a valorização da história local dentro do contexto do ensino e aprendizagem.

Segundo Burke (2000), a memória e a história têm uma relação simples, onde os historiadores escrevem proporcionando assim a criação dos heróis. Contudo, a memória reflete o que aconteceu e a história depende dessa memória para existir. Por consequência escrever sobre o passado é uma tarefa difícil que requer muito cuidado, devido às transformações em relação ao entendimento de história por não ser considerado um fato objetivo e nela existir rupturas.

A ausência de uma escrita sobre a história local em alguns livros didáticos acontece com frequência provavelmente porque requerer um estudo aprofundado em relação à história local, e por assim ser não seja considerada um instrumento para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Contudo, Le Goff (1990, p.370) conceitua memória oral como “memória selvagem”, uma questão que proporciona trabalhar coerentemente as lembranças

no sentido de identificar a relação da memória com a formação das identidades. Tratando a história coletiva como ponto fundamental na história, buscando identificar a essência do indivíduo e assim o definindo no meio social, além disso, é destacada a memória escrita ou “memória artificial” em suas análises.

Segundo informa o autor, a valorização dessas memórias tem a intenção de melhorar as transformações do presente, unir o passado com o presente sem deixar de organizar as mudanças ocorridas ao longo do tempo e no presente, e assim entender também o surgimento de novas culturas, precisando ter essa concepção em relação ao passado e o presente.

Nesse ponto é relevante tentar compreender de um ângulo mais abrangente a função social conduzida por essas memórias. Assim, um indivíduo supostamente denominado “comum” torna-se peça chave para o entendimento de abordagens consideradas sem influência no processo de lembrar. O fato é segundo afirma Le Goff (1990), os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desse mecanismo de manipulação da memória coletiva.

Sendo a luta pelo poder um meio de silenciar a sociedade para fins individuais posta em discussão a partir das memórias.

De fato, em sua acepção corrente, a expressão “memória coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo (...) No caso da identidade, a tentativa de depuração conceitual é mais difícil. No que se refere ao indivíduo, identidade pode ser um *estado* – resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: meu documento de identidade estabelece minha altura, minha idade, meu endereço etc. -, uma *representação* – eu tenho uma ideia de quem sou – e um *conceito*, o de identidade individual. (CANDAU, 2012 pp. 24-25)

A valorização dessas memórias tem a intenção de melhorar as transformações do presente, unir o passado com o presente sem deixar de organizar as mudanças ocorridas ao longo do tempo nesse presente, não se pode deixar de ver as novas culturas surgirem, precisa-se ter essa concepção em relação ao passado e o presente. Obviamente é um procedimento de (des) construção de sentidos e condicionamentos culturais.

Candau (2012, p. 50) se refere “A memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação

sempre mutável mantida com o outro”. E através desses processos de mudanças, os conceitos de identidade classificam-se, surgem a partir de interesses em comum. Embora os indivíduos passem por evoluções, suas identidades também passam coletivamente entre grupos sociais de culturas diferentes. Apesar disso, cada grupo define sua origem, tendo esse propósito como um elemento social e coletivo.

A interpretação tem como características reproduzir, no interior do seu discurso desdobrado, a relação entre um lugar do saber e sua exterioridade (...) a estratificação do discurso, mas à problemática de sua manifestação, a saber, a relação entre o acontecimento e o fato “o acontecimento é aquele que recorta, para que haja inteligibilidade; o fato histórico é aquele que preenche para que haja enunciados de sentido”. (CERTEAU, 2010. pp. 102-103)

O sentido do lugar e a função que exerce por meio da interpretação e a relação entre o discurso e o lugar da história desses sujeitos, isto implica na inclusão do sujeito com o outro. O que segundo Horn (2010, p.120), “A história local no ensino não deve ser tratada apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas constituir-se em estratégia pedagógica, que trate metodologicamente os conteúdos a partir da realidade local”. Tendo a história local como estratégia pedagógica.

A importância da história oral

Em meio às inúmeras teorias que envolvem a pesquisa historiográfica de um lugar a oralidade é o principal produtor de informação para uma pesquisa. Onde podemos trabalhar tanto o lado socioeconômico, quanto político e cultural do objeto estudado, garantindo assim, a valorização da pesquisa. Com o propósito de buscar uma “verdade” aos fatos, mas sempre questionado essa suposta “verdade”, por várias razões, desde o fim do positivismo até os dias atuais se tenta valorizar a dúvida em um determinado fato histórico.

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. (ALBERTI, 2008. p.155)

Esses acontecimentos sociais estão vinculados a um contexto que relaciona uma sociedade e seus diversos campos de formação, social, econômico e cultural. Entretanto, podemos transformar esses fatos escritos para uma linguagem que valorize uma sociedade e seus costumes, de modo que utilize as novas técnicas de pesquisa a um campo menos acadêmico, na tentativa de oferecer à sociedade mais informações sobre um tema que faz parte do seu cotidiano.

A valorização da História local na produção historiográfica levou à supervalorização, desta perspectiva, nas novas propostas curriculares. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, na área de História, recentemente divulgados (1997 e 1998), foram construídos a partir de uma ótica na qual a História local e do cotidiano são os eixos teóricos que devem ser tomados como referência para trabalhar a experiência dos alunos e os contextos mais amplos (...) A História local no ensino não deve ser tratada apenas como um conteúdo a ser ensinado, mas constituir-se em uma estratégia pedagógica, que trate metodologicamente os conteúdos a partir da realidade local. (HORN, 2010. pp. 19-20)

Tal condição possibilita uma nova visão e valorização do lugar, permitindo assim, identificar as informações presentes. Neste contexto um dos objetivos gerais dos PCNs de História é “Identificar relações sociais no seu próprio grupo de convívio, na localidade, na região e no país, e outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços;”

Na escolha dos conteúdos, os docentes devem considerar para a formação social e intelectual do aluno: a importância da construção de relações de transformação, permanência, semelhança e diferença entre o presente, o passado e os espaços local, regional, nacional e mundial; (p.46)

Nesse contexto,

O estudo de história local é possível de ser realizado, escapando às armadilhas e às dificuldades inicialmente levantadas? Sim, com base em uma construção pedagógica que tenha como principal pressuposto do ensino a investigação, a pesquisa, a produção de saberes. Nessa perspectiva o professor desempenha um papel fundamental, pois será o coordenador, o gestor das ações, o orientador da pesquisa, o mediador, capaz de repensar, rearticular historiografia/ pesquisa/ ensino. (GUIMARÃES, 2008, p. 160)

Aos poucos, e a partir desse pressuposto de ensino que se pode ter essa compreensão da escrita de textos com uma linguagem levada para o cotidiano



cultural de uma sociedade. Parte de um olhar sobre o passado para entender o presente é a relação da memória com a história na sociedade, observa os fatos coletivos empíricos. Os indivíduos sempre foram expostos a fenômenos que indicam o passar da existência e com esse fator a memória se confundi com a história.

No entanto, para muitos indivíduos a memória é uma forma de vontade de poder e, nem sempre é positiva, apenas é uma maneira de manter viva a identidade, que ao ser definida se refere à cultura, a religião, a sociedade. Porém seu sentido inclui um pensamento bem mais moderno, pode ser considerado um processo que se modifica conforme as necessidades dos indivíduos. De acordo com Hall (2006, p.12), “A identidade, então, costura (ou, para uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis”.

A(s) identidade(s) de acordo com Stuart Hall (2006) estabelece-se pela junção de culturas no meio que habita o indivíduo, e identificar essa cultura local é um método que depende da colaboração das pessoas do lugar, embora só se consiga ter identidade quando passamos a valorizar nossos atos cotidianos.

As culturas não necessitam apenas serem preservadas, mas valorizadas, deixando surgir o interesse de não deixar os valores culturais serem esquecidos. Nas lembranças vem sempre algo o qual não estamos acostumados a ouvir falar, e assim a desconhecemos. Dessa maneira se passe a valorizar os vestígios de memórias, tanto coletivos quanto individuais, sendo essas memórias norteadoras para essa pesquisa.

A combinação de recortes “não é na verdade senão um esquema abstrato (...) A escrita acumula o produto deste trabalho “A historiografia se serve da morte para articular uma lei (do presente). Ela não descreve as práticas silenciadas que a constroem, mas efetua uma nova distribuição de práticas já semantizadas. (CERTEAU, 2010. p. 108)

Segundo aponta Alberti (2008, p. 167), as fontes orais contribuem com a valorização da história local a partir do olhar às relações sociais e o conhecimento obtido com a análise

Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção

de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade.

As identidades pressupõem de posicionamentos que envolvem todo um grupo social. Entretanto, a ideia de mudança em uma sociedade politicamente estabelecida determina as identidades por meio do capitalismo, o que dessa maneira torna a sociedade mediada de preconceitos. Sendo importante salientar sobre o ensino da História Local como ponto de partida para possibilitar a valorização do lugar.

A contribuição do uso de imagens no ensino de História local

Quando fixamos nosso olhar em uma imagem a qual de alguma forma nos chama a atenção, nos leva a crer que existe um foco central a ser atingido pelo fotógrafo e, dessa percepção vão surgindo vários pontos de discussão, como qual a imagem que ele quis passar ao focar este objeto. E através das imagens fazemos análises que, no entanto, não faz da imagem um fato real. Permitir-nos buscar o que existe além da imagem ali expostas.

Os vestígios existentes na imagem nos questionam para a mensagem ali presente, porém, não exposta, por vezes proposital outras surgem a partir do olhar do leitor, que faz sua interpretação de acordo com seus interesses. Por consequência cabe ao historiador enfatizar a imagem além do foco, buscando através da imagem o porquê desse registro.

A fotografia é resultante de uma série de fatos até chegar à compreensão de sua linguagem, onde proporciona estudar os indivíduos no seu meio social através do tempo. O identificando de modo que irá inseri-lo ao seu tempo numa forma de expressar suas fases sociais.

De acordo com Jacques Le Goff (1990), podemos usar a fotografia tanto como documento por identificar de imediato o que aconteceu no momento o qual foi registrado, quanto um monumento por ser considerado símbolo, uma representação ao longo do tempo imposta pela sociedade como uma memória oficial.

No entanto, a fotografia só passa a ser uma imagem histórica a partir da interpretação feita pelo pesquisador, ou seja, de acordo com seus interesses.

Compreende-se esse objeto de análise a partir de atos coletivos individualizados pelo sujeito. Nela se detecta uma definição do que foi produzido, analisando e interpretando, assim decifrando sua mensagem, por suas técnicas estarem cada vez mais se modificando.

A fotografia é mais um meio que os historiadores encontram para identificar os processos de mudanças ocorridas ao longo do tempo, por uma sociedade em constante transformação. No entanto, cabe ao pesquisador problematizar a imagem, para buscar o que ele realmente quer a parti do seu olhar.

Mais do que um simples objeto da história acaba tornando-se um meio de reconhecimento e reconstrução de um passado que por algum conflito que poderia causar não foi questionado e sim silenciado. E assim partindo das análises feitas pelo autor Michael Pollak (1989), a memória divide-se para melhor obtenção de fatos no seu processo de pesquisa.

Podemos entender que a memória pode ser coletiva, gerada por interesses econômicos, políticos, religiosos e culturais. O que segundo o autor tendo em comum os sentimentos, o que nos impõem a acreditar, transmitida pela sociedade ou um grupo de pessoas ou nacional, uma forma mais completa da memória coletiva.

É enfatizada a parte que se comemora as datas de acontecimentos, chamado de oficial, ou, oficial coletiva e comum em que consistem todas as comemorações de uma data nacional, onde é construída uma memória para a nação, portanto, uma experiência social vivida e compartilhada.

Segundo Peter Burke, a memória e a história tem uma relação simples, onde os historiadores escrevem proporcionando assim a criação dos heróis. Contudo, a memória reflete o que aconteceu na verdade e a história depende dessa memória para existir. Por consequência tendo uma relação cada vez mais difícil entre ambas.

Como escreve Le Goff (1994), “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”. Dentro desta perspectiva o ensino de História desenvolve um papel importante na formação social e histórica dos discentes, a partir do trabalho desenvolvido propondo estabelecer conhecimento. Para tanto o ensino de História estabelece relações entre identidades seja ela individual ou coletiva.

Nesse contexto, em que as memórias indicam um passado social, e por isso cabe ao professor de história promover um entendimento e a valorização dessas memórias ainda que seja uma tarefa difícil, quando se trata de descrever uma história local, por mais que pareça simples por se tratar de algo já inserido no contexto do cotidiano desses indivíduos. Porém, havendo uma postura coerente na valorização desses elementos essenciais para a contribuição e valorizações de métodos sejam específicos.

Considerações

E necessário que no ambiente escolar se possa fornecer e valorizar instrumentos que possam ser usados metodologicamente sem um distanciamento à realidade dos alunos e alunas para o conhecimento e desenvolvimento da história local.

Neste intuito a pesquisa propôs realizar um estudo sobre a valorização e compreensão da história local como perspectiva para o livro didático, segundo observado, é elemento indispensável ao desenvolvimento local. Para buscar junto aos alunos e alunas, caracterizá-lo por meio das ações cotidianas vivenciadas no presente e passado.

Como acima abordado, a história oral e suas narrativas representam uma história próxima à realidade e compreensão dos discentes, na verdade é uma história deles para eles. É valorizar as contribuições e vivências dos sujeitos no contexto do lugar a que se pertence.

Esse estudo se fez através de um apanhado histórico sobre os conceitos de história oral, memória e identidade e em relação às transformações culturais. O primeiro passo do trabalho foi identificar através de estudos sobre a história local, características as quais são de grande importância na identificação das identidades. Nessa perspectiva, o processo de trabalhar a história local por meio da história oral será visto de maneira a valorizar o lugar a que se pertence.

No trabalho procurei diferenciar identidade, memória e história oral, podendo perceber que a ausência do conhecimento da história local para valorizar as manifestações culturais presentes. Podendo-se chegar a algumas conclusões, o processo de desenvolvimento cultural local não se desenvolve devido à falta de

informação e interesses de reconhecê-las como fonte por alguns pesquisadores. Constando a ausência da transmissão e valorização desse processo.

Segundo Darcy Ribeiro (1995, p. 267) “nenhum povo vive sem uma teoria de si mesmo. (...) A história, na verdade das coisas, se passa nos quadros locais, como e ventos que o povo recorda e a seu modo explica”. Pode-se observar dentre os escritos feitos e fundamentados em autores que ajudaram no método de entender que a memória transforma em refúgio as lembranças de um povo que aos poucos foi se unindo aos novos modos de viver, longe do espaço habitual.

Conseqüentemente, a identidade é algo formulado pelas lembranças de um passado inserido no presente. O historiador passa a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais não é obra de indivíduos isolados. Que o ensino de História possa contemplar o estudo reservado à história local a fim de valorizar os sujeitos que constroem suas histórias diariamente.

A finalidade principal do conhecimento histórico é entender os processos que envolvem os sujeitos históricos. Sendo preciso como educadores, passemos a ser responsáveis de ensinar uma História que relacionada ao dia a dia dos alunos e alunas, os fazendo refletir a cerca de suas histórias, deixando o conhecimento mais próximo de suas realidades.

É preciso com essas novas abordagens sobre o ensino de História, sobretudo a história oral e local para ressignificarmos a visão que se tem do lugar de pertença, é perceber as expectativas de aprendizagem no processo estabelecido e vinculado nessa reorganização do ensino com base nesses pressupostos históricos.

Entender o cotidiano como objeto de estudo da instituição escola articula novas abordagens no meio educacional pautada no contexto social dos indivíduos, possibilita a compreensão de suas identidades. Estabelece elos entre a história, as ações cotidianas e a aprendizagem.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: *Fontes Históricas.Org*: PINKS, Carla Bassanezi. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CERTEAU, Michael de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História Selva Guimarães Fonseca. *História Oral*. v. 9, n. 1, p. 125-141, jan.-jun. 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORN, Geraldo Balduino. O ensino de História e seu currículo: teoria e método. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

Le Goff, Jacques. *História e memória*. Capinas: Ed. UNICAMP, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

